

Hoje e amanhã no "DL"

José Cardoso Pires escreve sobre o Kampuchea de Pol-Pot



Quando viu o «Apocalypse Now», de Francis Coppola, José Cardoso Pires achou irreal o

Cambodja—actual Kampuchea—transbordante de cabeças degoladas e de sangue fumegante.

Agora, regressado de Phoom Penh, sabe que Coppola não exagerou. Hoje e amanhã, o «DL»

publica, num rigoroso exclusivo que partilha com a revista «Triunfo», de Madrid, a sua im-

portante reportagem sobre os destroços deixados pelos 44 meses de «revolução» de Pol-

Pot e Yeng Sary. Nas fotos: cadáveres mutilados pelos «khmers vermelhos».

Pág. 12

Negociação frustrada

Comboios param outra vez à meia-noite

Ao recusar uma reunião, esta manhã, com os representantes sindicais, o conselho de gerência da CP afastou a derradeira pos-

sibilidade de um acordo que permitisse suspender a greve de 24 horas marcada para amanhã. Assim, a partir da meia-noite,

não haverá comboios em todo o País. Os trabalhadores ferroviários pretendem pôr termo ao desequilíbrio salarial reinante na

empresa, devido a verdadeiras situações de privilégio que foram criadas em negociações paralelas com o sindicato minoritário

dos maquinistas. Discute-se, nomeadamente, o pagamento generalizado de um prémio de produtividade que permita col-

matar as actuais injustiças. Nova greve está marcada para segunda e terça-feira. Há 24 mil ferroviários em luta.

Pág. 10

Nas páginas de estrangeiro

Vaga de calor nos EUA mata mais de 700 pessoas

Governo italiano preocupado com hegemonia franco-alemã na CEE

Reagan candidato republicano à presidência dos EUA — ex-dirigente da CIA é o seu vice



O «falcão dos falcões» americano foi escolhido pelo seu partido para correr para a Casa Branca. Na foto: Reagan beija sua mulher durante uma reunião das «Mulheres Republicanas». O seu vice-presidente seria George Bush, antigo dirigente da CIA.

Listas de candidatos até 12 de Agosto

Campanha para as Legislativas começa a meio de Setembro

O Presidente da República deverá anunciar ainda hoje a data das eleições legislativas, se elas se realizarem, como parece provável no dia 5 de Outubro.

De acordo com a Lei, hoje é o último dia do prazo para a marcação das eleições, devendo a respectiva campanha eleitoral iniciar-se a 14 de Setembro.

A partir de hoje será proibida a divulgação de sondagens e a propaganda política através de meio comerciais.

Até ao dia 27 de Junho, e caso o Presidente Enaes, marque hoje a data das eleições, a Co-

missão Nacional de Eleições terá de publicar o mapa de distribuição dos deputados pelos círculos, de acordo com a última actualização do recenseamento.

O prazo para apresentação de candidaturas decorre entre os próximos dias 28 de Julho e 12 de Agosto, e neste mesmo dia termina o prazo para registo de coligações para fins eleitorais.

Até três dias antes do início da campanha eleitoral, a CNE deverá ainda distribuir pelos diversos partidos concorrentes os tempos de antena na Rádio e na TV.

Até à hora de encerrarmos esta edição do «DL» ainda não tínhamos conseguido confirmar que o Presidente marcaria hoje a data das eleições.

Entretanto, foi hoje publicado no «Diário da República» o despacho que nomeia o novo director-geral do STAPE. Duarte Nuno do Vale Vasconcelos irá substituir, em comissão de serviço e por conveniência urgente de serviço, o dr. Mateus Roque, que apresentou há tempos a sua demissão. O nomeado exercia até agora as funções de subdirector-geral da Organização Administrativa.

Antes de 25 de Abril de 1974

Houve contactos entre Savimbi e Soares Carneiro

Soares Carneiro, general candidato da AD, tem respondido sempre com evasivas à sua actuação no campo de S. Nicolau. Para lá dos documentos que temos publicado sobre o «Tarrafal angolano», onde foram abatidos a tiro e espancados até à

morte patriotas angolanos, damos hoje a conhecer uma carta de um intermediário nas relações entre Savimbi e as autoridades portuguesas, dirigida ao secretário-geral de Angola, o então tenente-coronel Soares Carneiro. Reveste-se a carta de

alguma importância política, se atentarmos nas opiniões expressas por Soares Carneiro a propósito da descolonização e da «não punição» dos seus responsáveis.

Pág. 5

«Bronca» nas Antas:

Futebolistas do F.C. Porto não treinaram

Pág. 18



Leila Khaled

Sionismo na conferência sobre a mulher

Israel ameaça pedir a extradição de Leila Khaled, observadora da OLP na conferência da ONU sobre a mulher, ao governo dinamarquês.

Lila Khaled, que participou em dois desvios de aviões israelitas, tem denunciado a situação em que vivem as mulheres palestinianas nos territórios ocupados por Israel. Na abertura da conferência, ela afirmou: «Israel ocupou pela força a nossa terra. A eles falamos com as armas. Com o resto do mundo com palavras».

É este direito de falar ao mundo que Israel pretende agora impedir, ao pedir, ao pedir a extradição desta militante da OLP.

Pág. 24

No célebre filme de Francis Ford Coppola a subida do rio do Apocalipse que atravessava o Vietname em guerra ia dar a um país irreal, povoado de cadáveres: o Camboja (hoje Kampuchea). Como muitos espectadores do Apocalypse Now, esse festival de cabeças degoladas e de sangue fumegante surgiu-me como um exagero delirante, uma selva-jaria demasiado macabra e espectacular para poder fazer parte dos horrores contemporâneos. Hoje penso exactamente o contrário. Estive lá.

A fachada do aeroporto de Phnom Penh ergue-se em linhas elegantes entre canteiros de jardim. Dum lado a pista, com uma esquadilha de caças vietnamitas em posição de alerta, do outro a estrada que conduz à cidade, quilómetros e quilómetros de asfalto e algumas árvores tropicais. Planície à volta — desolada. E finalmente Phnom Penh começa a desenhar-se num desfilar de arrabaldes mortos, portas estilhaçadas, persianas apodrecidas. Poeira e silêncio. Pólios de arame farpado nas ruas — cabos eléctricos partidos, ao vento. Aqui e ali aparecem os primeiros habitantes. Movem-se com lentidão, quase sonâmbulos.

Phnom Penh, capital das Cinco Torres, é uma cidade saída do pesadelo — de um pesadelo que se abateu sobre ela no momento exacto em que festejava a sua libertação da ditadura (proj.-yankee) do general Nol. Nessa noite, 17 de Março de 1975, dois milhões de pessoas receberam em aclamação os khmêres vermelhos fardados de negro, e os nomes de Pol Pot e Ieng Sary tremulavam ao vento, impressos a letra dourada. Nos pagodes celebrava-se a paz e a fraternidade, nas ruas dançava-se o Ram Vong.

Mas subitamente soaram descargas — algures, em locais imprecisos. A luz eléctrica foi interrompida, uma duas, várias vezes. E então os uniformes negros lançaram-se pela cidade, metralhadora numa mão, alifalante na outra, intimidando a população a abandonar a cidade: «Urgente! Os americanos vão bombardear Phnom Penh!»

De momento foi esse o pretexto. Depois nem isso, os libertadores passaram a falar com o cano das armas. Casas, templos, hospitais, tudo esvaziado; o Banco Nacional selado a tiros de obus, os jornais desmantelados. Ao fim de três dias a evacuação estava consumada e as estradas enchiam-se de multidões errantes. Balanço inicial: 500 mortos. Objectivo da operação: dispersar as massas cidadãs (contaminadas, por natureza, pelo espírito burguês e pela corrupção administrativa) e criar com elas comunas agrárias populares.

Mao Zedong tinha dito: «Mobilizar o campo para cercar as cidades». Pol Pot e o seu associado Ieng Sary fizeram dessas palavras o estandarte da nova Revolução e foram mais longe: ao mesmo tempo que reduziam o silêncio a capital do país acabavam com a circulação da moeda e abriam uma outra cortina movente, a do maior genocídio de que há memória. Três milhões de mortos, numa população de sete milhões, em três anos e dez meses de terror.

Um país saído do impossível

«Cidades, tumores malignos», proclamavam os fanáticos da Idade Média. Essa excomunhão tinha sido ressuscitada por Pol Pot, e os seus estigmas apareceram-me bem à vista logo que cheguei a Phnom Penh. Encontrava-os na grande avenida Monivong ou no antigo Boulevard De Gaulle onde a punição tinha estilhaçado os anúncios comerciais (Honda, Singer, Telefunken) e as agências de turismo, via-os nas chagas abertas à metralhadora nas fachadas dos hotéis, apareciam-me mais adiante nos pagodes e nas escolas com restos de arame farpado. «Um país saído do impossível».

tinha-me dito uma delegada do UNICEF, no avião. Era isso. Pol Pot e os khmêres vermelhos há mais de um ano que tinham sido expulsos do Kampuchea mas a sua sombra perdurava. Acabada a chacina, ficara o cemitério, a paz macabra — era esse o Kampuchea por onde eu andava, um país fantasma que se esforçava por encerrar a luz. Pelo meio corria o Mekong, «Mãe das Águas», e para lá dele abriam-se florestas, campos de arroz, búfalos cinzentos mergulhados na lama. A paz, dir-se-ia. Mas tudo aquele território tinha sido desfigurado pelo esvaziamento das cidades e

pela transplantação forçada das populações. Era, no delírio visionário de Pol Pot, o grande êxodo da purificação. Em termos reais, tratava-se da pulverização dramática de um povo para o submeter ao trabalho de escravo a troco de um punhado de arroz e de quatro ou cinco horas de sono.

«A partir dos seis anos todas as crianças tinham de trabalhar no campo e aos dez eram entregues ao Estado para começarem a vida nos quartéis», disse-me Lót Chloune, um dos soldados que fazia guarda ao Government Hotel. (O resultado dessa política está numa herança de 700 mil

crianças debilitadas pela fome a que se refere o relatório conjunto da UNICEF — Cruz Vermelha suscrito por A. Hay e H. Labouisse: setecentas mil crianças em quatro milhões de habitantes).

Lót Chloune, um caso comum dos sem-família no dia-a-dia do Kampuchea, foi quem me falou pela primeira vez dos casamentos forçados nas comunas populares. Os pomoneros viriam mais tarde. Lira ouvi-los da boca de Nehm Roth, funcionária dos correios de Stung Treng que, na companhia de duas colegas, me contou como fora obrigada a casar com um inválido do exército numa das cerimónias colectivas organizadas pelo partido: «Havia muita espionagem, o partido, o Angkar, só autorizava casamentos entre pessoas vindas de classes diferentes. Da mesma origem nunca, dizia que era uma maneira de tentar manter o instinto de classe. Também não autorizava relações ilícitas porque isso era contra o artigo oitavo da moral revolucionária. Uma vez, na minha comuna, em Dey Chnaing, fomos obrigados a assistir ao julgamento de um casal muito jovem. Ela não teria mais de catorze anos e o rapaz também não era muito mais velho. Parece que se encontravam às escondidas, de maneira que os penduraram nus, pelos pés, até confessarem. Depois deitaram-lhes fogo e queimaram-nos até mesmo, à vista de todos nós.»

Directo e definitivo como tudo o que trazia a marca de Pol Pot.

Com alguns tiros de artilharia ele tinha eliminado a moeda e decretado um tipo de economia onde tudo, desde a alimentação ao vestuário individual, era administrado pelo Estado. Com deportações internas desmembrou as famílias e transfigurou a geografia humana. Agora, com o controlo político do casamento e a apropriação estatal dos filhos acabava pela raiz com as células básicas tradicionais. (Mao Zedong, Congresso de Chengtuo 1968: «A família apareceu com a destruição do comunismo primitivo e irá desaparecer no futuro.»)

A peste negra

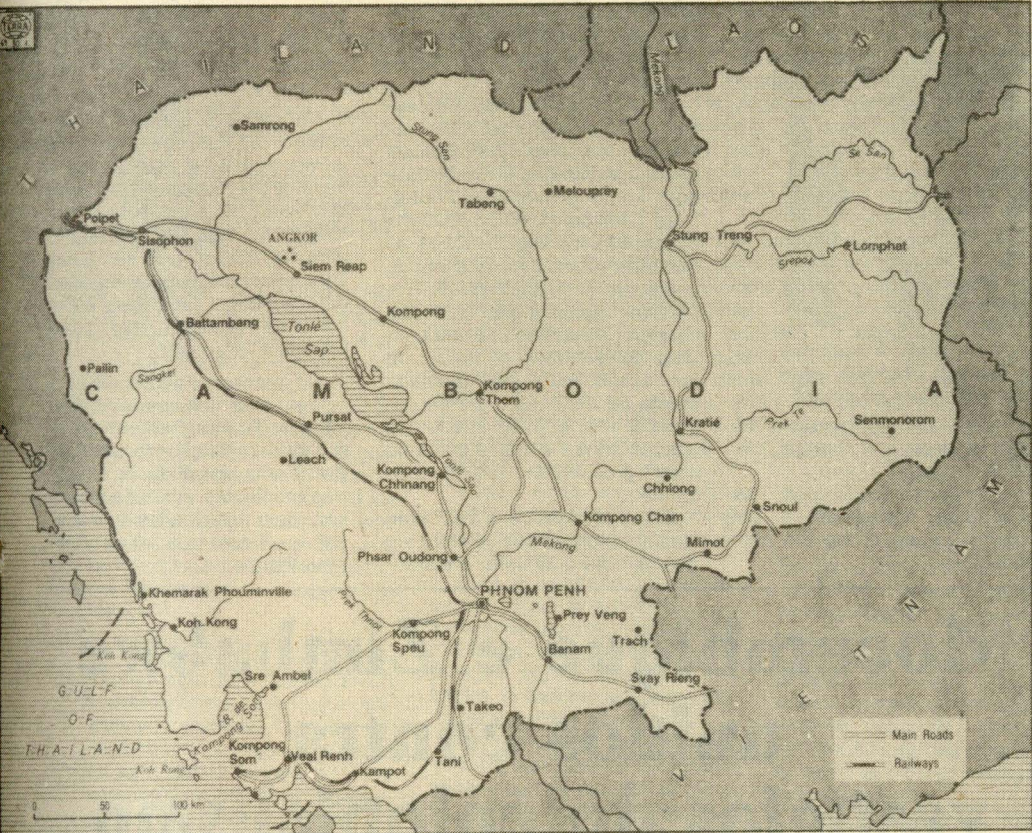
Uma marcha à pressa, cega, é a imagem que se tem dos desastros deixados pelos 44 meses da revolução de Pol Pot-Yeng Sary. Mas essa marcha para a radicalização só poderia atingir o «ponto de pureza» quando a sociedade fosse dominada por gerações destituídas de passado e desidentificadas com qualquer autoridade individual. A criança era, pois, o investimento seguro — a criança que trabalhava o campo e que a seguir era entregue à brutalidade das casernas onde mal tinha tempo para aprender a soletrar. Assim se amassava o barro do «Homem de Pol Pot» e assim se seleccionava uma «Jovem Guarda» de torcionários a que o povo chamava Peste Negra.

Torcionários, digo bem. Vi-os em dezenas de fotos encontra-

das nos arquivos da central de morte de Tuol Slong, a sede da investigação. Adolescentes, quase todos, o olhar sem vida por baixo do boné negro, braços escorridos ao longo dos corpos franzinos. Um dos mais célebres, Menkhoun, de 15 anos, confessou-se responsável pela morte de mais de mil indivíduos, perante o tribunal de Phnom Penh; outro, Bry, se não novo ainda, tinha liquidado em dois dias 147 pessoas.

Peste Negra, crianças sangnárias dentro de um póbio de forma de luto. Todas elas tinham sido alienadas do meio natural sem memória de infância na família, sem escola, mas em contrapartida, empoadas de direito de vida e de morte sobre os adultos em geral. Só seria necessário para que a criatura na sua fase de formação se transformasse numa fera inaplacável? O espectáculo de medo e da subserviência à volta? O convívio natural com tortura? O contágio do que diano sinistro?

No Kampuchea sent-se a pudor, uma relutância instintiva em aceitar o horror nas propostas em que nos é contado, contudo estamos perante um povo que foi reduzido quase metade, os despojos da grande carnificina encontram-se documentados. Uma montagem de tar-se-á de uma gigantesca cenação de desumandade para justificar a tomada do Poder? Mas há os locais, fosse ainda à vista que, nas fotografias do levantamento, aparecem cheias de cadáveres, há filmes, as reportagens dos dias imediatos à libertação, os diários do tribunal de Phnom Penh onde há poucos meses foram julgados os crimes dos khmêres vermelhos; há, pelo menos, denúncia feita a ONU, em 30 de Novembro de 1978, pelo Vann Name, da vaga de genocídio que alastrava pelo Kampuchea. Há os relatórios da UNICEF e do Comité Catholique Contre Faim. Tudo isso. Tudo isso, tudo ainda recente, e mes-



assim a nossa razão estremece. A mão hesita porque é do impossível que ela escreve.

Tuol Slong e os torcionários imberbes

Mas o impossível existiu, e Tuol Slong é uma das suas comprovações mais duradouras. Tuol Slong: um antigo liceu transformado em escola de torturadores. Naquelas salas alinhadas à volta de um campo de recreio a «Jovem Guarda» de Pol Pot ensaiou as mais inconcebíveis violências sobre milhares de prisioneiros que ali tiveram o seu fim. Sobre intelectuais, princi-

palmente; e sobre membros do partido, os chamados «vermes do Angkar» (o registo das entradas inclui 4 ministros e cinco vice-ministros, vários comissários políticos e chefes militares). Os documentos oficiais mencionam outros laboratórios do inferno, um dos quais instalado num manicomio e dois em estabelecimentos de ensino (liceu Descartes e escola técnica de Sangkoun), mas Tuol Slong era a central da investigação.

Pelas descrições imaginamos-a como um stalag, um Auschwitz ou um Mauthausen de proporções reduzidas. A mesma força, os mesmos montes de roupa dos condenados a testemunharem a confusão do morticínio, os instrumentos de confissão — um museu dos horrores para aviso e meditação. Mas logo que lá se entrá e se vê o ar bárbaro e primitivo de tudo aquilo percebe-se que a tecnologia da morte praticada pelos nazis tinha sido transplantada para Tuol Slong numa versão brutalmente rudimentar, mais cruel ainda e muito mais estranha. Em vez de gás e crematório, a morte pela pancada na nuca e a fossa aberta no primeiro espaço livre; em vez da concentração entre vedações electrificadas, a imobilização permanente com algemas colectivas. Em Tuol Slong o extermínio resumia-se à liquidação directa e improvisada. Tudo sem sistema nem plano. Tudo ao sabor do instinto e do imediato. Há manchas de sangue pelo chão e marcas de dentes nas tábuas. Lado a lado com aparelhos do electrochoque e com banheiras de tortura, vêem-se tornos de serralheiro, fios eléctricos a servir de chicote, bastões de ferro, cabos de guarda-chuva. Com uma turques arrancavam-se as unhas e a confissão, a mesma turques cortava as pontas dos seios das mulheres para depois, sobre o sangue, se colocarem escorpíes (vi as caixas onde eram guardados esses insectos).

Cá fora, no antigo campo de recreio, ergue-se a força, mas a força aqui não era o simples nó da morte, rápido e seco. Funcionava, antes, como máquina de suplício, suspendendo os prisioneiros pelos punhos amarrados atrás das costas enquanto eram interrogados. De quando em quando a corda baixava e os corpos mergulhavam num pote cheio de água ou de excrementos humanos.

Mas os torcionários imberbes não estavam confinados a Tuol Slong ou às filiais do extermínio. Eram a Peste Negra, presente em toda a parte. Cada relato, cada testemunha me valava deles porque desempenhavam uma função corrente na vida colectiva. Nas comunas populares e nos quartéis, nas brigadas do caoutchouc e nos portos de pesca eles eram os operacionais da segurança. Inclusive, os seus melhores quadros figuravam na guarda pessoal de Pol Pot e de Yeng Sary.

O Homem (animal) sem qualidades

Numa sociedade em que o homem foi reduzido à expressão mais elementar do medo e da submissão qualquer corpo humano perde, aos olhos dos carcasos, o seu significado superior. Carne a abater, sempre que necessário. Peça de matadouro, pouco menos.

Por isso, na Nova Ordem dos Khmêres vermelhos a depuração ideológica correspondia quase sempre à eliminação física e a morte não tinha hora nem preço. Cada punição era materializada em castigos corporais e cada execução resolvia sumariamente e com os instrumentos à mão: degolando à catana ou perfurando o ventre com lanças de bambu; pelo fogo vivo ou pelo afogamento; pela fractura da nuca ou pelo lançamento aos crocodilos.

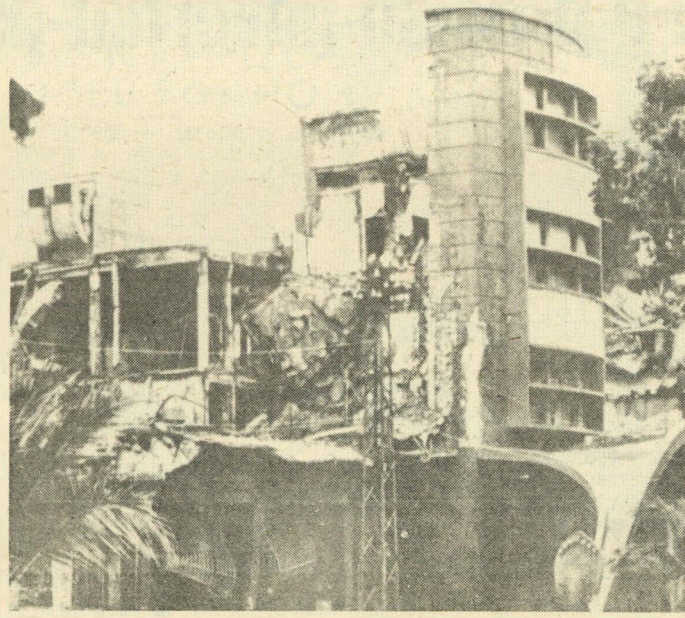
Dai ao canibalismo seria um passo. Jean-Pierre Gallois, da France Presse, e os restantes jornalistas estrangeiros que assistiram aos julgamentos de Phnom Penh devem ter estremecido de horror ao ouvirem descrever a prática, entre os khmêres vermelhos, de cozinhar o fígado de certas vítimas. Não seria muito divulgado esse hábito, ao que parece; contudo Georges Maté, em Génocídio au



Após a vitória: Mao Zedong com Pol Pot e Ieng Sary, Pequim 1976



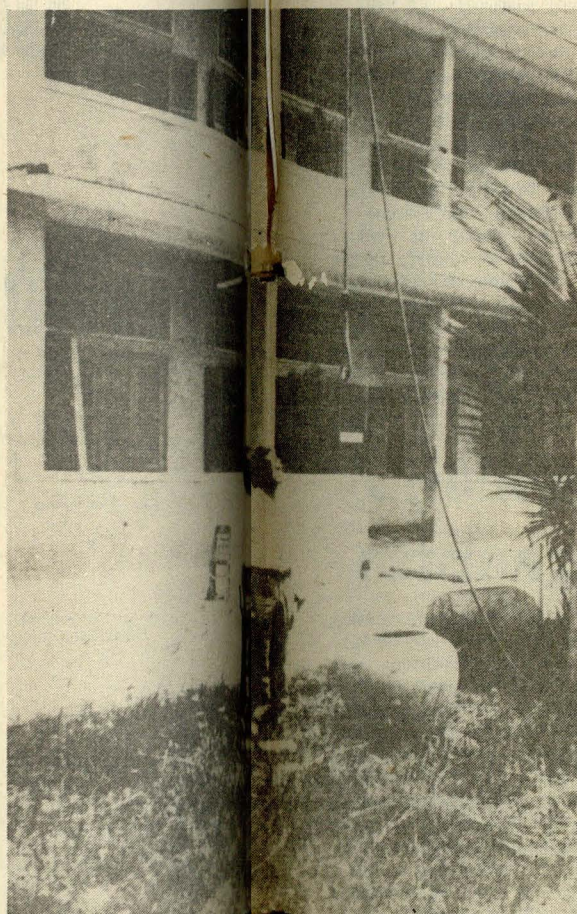
Um poço de cadáveres na aldeia de Speou.



A Banca Nacional: as marcas dos khmêres vermelhos continuam à vista na fachada destruída



Torcionários da Peste Negra na prisão de Kratie



A força e o pote. José Cardoso Pires na central de Tuol Slong



Durante o despejo que se efectuou ontem, presenciámos com admiração a resignação com que as pessoas tiravam do hotel todos os seus haveres. A Polícia esteve lá, para salvaguardar que alguém se rebelasse contra a situação de ficarem sem saber para onde ir. A Polícia esteve lá e foi curioso reparar no olhar surpreso de alguns, ao verem a farda de um colega, na mão de uma mulher

“Simples” caso de despejo ou negócio escuro por detrás?

Efectuou-se ontem mais um despejo em Lisboa. Cerca de vinte famílias de retornados, que se encontravam alojadas no Hotel Botânico, a maioria delas há cerca de três anos, viram-se ontem a braços com uma acção de despejo, movida pelo senhorio do respectivo hotel, da qual só ontem de manhã tiveram conhecimento.

As pessoas que fomos encontrar na azáfama da mudança, não sabiam, todavia, qual o destino que tomariam os seus bens, nem debaixo de que tecto iriam dormir. Mesmo tendo estado perto de um ano e meio sem água nem luz, pelo menos tinham onde se deitar.

A responsabilidade desta situação parece pertencer a um tal sr. Nunes, cujo paradeiro ninguém conhece. Segundo apurámos, o sr. Nunes teria a seu cargo a exploração de uma série de hotéis e pensões de seriedade duvidosa. A par disto, detém ele o contacto como IARN fazendo a ligação aos retornados. E de realçar que, curiosamente, estes retornados nunca receberam o subsídio que lhes cabia.

Procurámos hoje informar-nos do local onde estariam os desalojados e soubemos no hotel Botânico que estavam espalhados por diversas casas e pensões do próprio Nunes.

Na pensão de S. Roque, para onde nos dirigimos depois, foi-nos dito por um empregado que efectivamente ali se encontravam alguns dos desalojados, mas que seria impossível falar com eles pois as senhoras estavam a dormir e os homens já tinham saído para o trabalho.

O que há afinal por detrás de tudo isto? Quem vai agora apurar as responsabilidades de toda esta situação? Quem é que neste País, sobre casos de tão evidente especulação?

José Cardoso Pires «Triunfo», Madrid/«Diário de Lisboa» (Amanhã: segunda parte)

Após o Apocalipse veio a revelação, o Kampuchea depois da grande chacina. Washington e Pequim ocultaram a pavorosa evidência com o problema da invasão vietnamita. Na ONU a agenda dos Direitos do Homem preferiu evitá-la: do ponto de vista humanitário era um assunto demasiado gritante e comprometedor para ser divulgado frontalmente.

Até que em tempo oportuno a Tailândia ensaiou o que se poderá chamar uma nova manobra de diversão política — o recente repatriamento dos refugiados cambojanos. Então, sim, as vozes de consciência ergueram-se em unanimidade e a miséria do Kampuchea passou à ordem do dia. Mas era uma miséria herdada, com os seus autores e agentes devidamente identificados, e neste momento em grande parte vencida. Sobre isso a opinião internacional guarda silêncio. O mesmo silêncio que a tornou possível e ignorada até à sua consumação.

Sem as cumplicidades do silêncio jamais a obra devastadora de Pol Pot poderia ter atingido as proporções bíblicas que atingiu. Silêncio no exterior, silêncio dentro de fronteiras — a regra de ouro das supremas ditaduras.

Sem moeda ou qualquer forma de acesso individual, sem liberdade de comunicação postal ou de deslocação, sem informação (entre outras coisas, a rede TV fora cancelada aos primeiros dias da Revolução) o «homem de Pol Pot» tinha o seu «habitat» limitado a uma sobrevivência concentracionária, alheia a qualquer noção do mundo exterior.

Como todo o estrangeiro que interroga o Kampuchea eu sabia que essa alienação nascia de um projecto de comunismos de base; que visava a «eliminar as contradições entre a cidade e o campo, entre o trabalho manual

pendiam, de alto abaixo, as sanitas e as torneiras dos lavabos?

Os filhos de Freud

Desidentificado do meio e da família e disperso pelas comunidades estatais, o súbdito de Pol Pot era ao mesmo tempo eliminado na sua expressão cultural e por conseguinte em processo de despersonalização acelerada. Estávamos, como costumava dizer o prof. Devillers, «num país sem dicionário.»

Para lá do significado simbólico, a expressão era rigorosa; os khmêres vermelhos tinham proibido não só as línguas estrangeiras como os dialectos que circulavam no Kampuchea. Ainda agora, dezassete meses após a libertação, o Governo de Heng Samrin não tinha acabado de recuperar a Biblioteca Nacional, convertida em armazém de

passagem pelas cidades era súbita e breve. «Há ainda muitos intelectuais em fuga pelo país», dizia ele numa das suas últimas instruções ao Partido Angkar. «É preciso detê-los porque sabotam a Revolução.»

O balanço desse saneamento vi-o eu por onde passava. Escolas em ruínas, imprensa morta, hospitais desmantelados. Vi-o igualmente nas percentagens oficiais e nas estatísticas do Auxílio de Emergência ao Kampuchea, ONU, Novembro de 1979: 90% dos escritores e artistas exterminados, 80 e 91 por cento de baixas nos quadros médios e universitários, respectivamente. Muitas dessas vítimas — bolséiros, diplomatas ou funcionários internacionais — tinham regressado do estrangeiro a convite de Pol Pot e foram, logo à chegada, internados em campos de reeducação para passarem depois à central da tortura de Tuol Slong.

Mas, ironicamente, à cabeça de Tuol Slong encontrava-se um intelectual, o prof. Duch. E numa das salas desse antigo liceu transformada em labirinto da morte funcionava um «atelier» onde dois escultores prisioneiros executavam sucessivas maquetes do busto de Pol Pot.

Feiticeiros de bata branca

A farmácia de um quartelamento dos khmêres vermelhos fez-me lembrar um altar de curandeiro. Boiões de sementes, cascas de vermes, raízes, leite de coco; seringas, estetoscópios, bisturis. A medicina baralhada com a mezinha.

Também neste capítulo a khmerização cultural tinha arrancado com paixão radical e sinistra. Farmácias e laboratórios selados a arame farpado, o Instituto Pasteur, de Phnom Penh, rebentado a granadas de 340. Cinquenta médicos para quatro milhões de pessoas — foi tudo quanto a Cruz Vermelha Internacional pôde encontrar depois da fuga de Pol Pot.

Porquê a destruição de um sector tão vital para os próprios destruidores? Porquê este auto-suicídio?

Outro impossível comprovado, outra evidência sem explicação da revolução radical. De concreto sabe-se que o pragmatismo científico da nova «medicina nacional» se pretendia substituir à medicina burguesa do consumo e aos seus terapeutas. Confiada ao «povo de base», toda a área da saúde pública foi ocupada por «médicos» e «enfermeiros» de emergência, na maior parte sem habilitações médias sequer. As salas de operações armaram-se em teatros de experiências alucinantes, cada cirurgião improvisado comportava-se como um pequeno Doktor Mengele, com total impunidade para retalhar a carne humana. Entre os medicamentos em ensaio foi encontrado um extracto rudimentar obtido directamente da bilis dos mortos.

Mezinhas e cadáveres. O espectro de feitiçaria em que Francis Coppola tinha envolvido o Kampuchea do **Apocalypse Now** sentia eu agora, e cada vez mais, latente no que via e ouvia de um passado selvagem. Kampuchea: um regresso ao exorcismo, uma viagem sobre ossadas. Durante dois dias foi-me impossível tomar qualquer alimento, além do leite (importado da Hungria). Os **lichees**, os mangoustans e as sumarentas melancias que me punham à mesa lembravam-me frutos alimentados a carne humana, nas mangas e no dourado licor de bananeira eu via a pujança necrófila que brotava das fossas comuns. Arroz e **khaimoni**; Sek Samoun, a suavíssima mulher das mãos inertes, e os seus pesadelos com o cheiro dos cadáveres.

E todavia estávamos em Maio, palmares e flores tropicais colo-

riam as cidades e havia crianças, às centenas, nos jardins de algumas vivendas abandonadas. Mas eram orfanatos, aquelas casas; e as crianças tinham um olhar profundo, quase solene. Aproximava-me, tocava-as e elas agarravam-me a mão. Era uma reacção comovedora, um impulso de ternura, desejo de companhia, que nenhuma conseguia dominar mas que se suspendia naquele gesto. Pareciam carregadas de silêncio, essas



pequenas criaturas incapazes de sorrir.

O Dragão de Duas Cabeças

Num pagode de Pusat, já perto do grande lago, há uma figura bicéfala que parece percorrida pelos ventos da ira. Cabelos desgrenhados, boca de dragão, um dragão de duas cabeças num corpo de formas humanas. Pol Pot e Ieng Sary, pensei. Duas faces, a do khmêre e a do **hoa** (Sary é descendente de chineses) dois irmãos siameses nas velhas terras do «Sião», proclamando a morte e o terror.

Notícias de Pol Pot localizam-no agora, umas vezes em Pequim e quase sempre nas florestas da Tailândia reorganizando os khmêres refugiados e os torcionários da Peste Negra. A sua presença começa a fazer-se sentir à medida que o Kampuchea se vai estabilizando nos bandos que atravessam a fronteira com intensidade crescente, apesar dos postos militares vietnamitas que se espalham pelo país e da vigilância dos milicianos e das tropas de Phnom Penh.

As incursões dos sanguinários expatriados integram-se numa intenção política, representada desde os primeiros dias por Pol Pot. A sino-khmerização do Kampuchea não foi mais do que uma etapa de Pequim no isolamento do Vietnam, com vistas ao domínio do Sudeste Asiático. (É essa a tese de Hanói mas é também quanto a mim a interpretação mais saliente dos acontecimentos). E não há dúvida que com o cerco ao país de Hô Chi Minh os chineses pretendem explorar o síndrome vietnamita que se apoderou da opinião americana e que, ao nível do Pentágono, se traduz na substituição da política militar de intervenção directa por esquemas de aliança e de suporte. Neste sentido, a pressão sobre o Vietnam não só favoreceria a China nos seus acordos com os Estados Unidos como obrigaria a URSS a compromissos reforçados com Hanói que serviriam à Casa Branca para activar a solidariedade dos seus aliados da SEAN, Tailândia, Indonésia, Filipinas, Malásia e Singapura.

Como primeira comprovação foi o que resultou da campanha de repatriamento dos kampucheanos a que estamos a assistir e da resposta militar vietnamita que logicamente teria de provocar.

Até aqui o Kampuchea, sem autonomia económica nem mercado externo, tinha sido uma extensa plantação onde os chineses investiam milhares de técnicos permanentes e onde o trabalho escravo levava a produção

(do arroz, principalmente) a co-eficientes de custo que ultrapassavam as mais arrojadas exigências. Tudo em ordem, por conseguinte, Pol Pot podia anunciar orgulhosamente: «Estamos a realizar uma Revolução que jamais algum país do mundo ousou sequer imaginar!»

Mas o Kampuchea era acima de tudo uma «plataforma de pressão» e logo após a tomada do país pelos khmêres vermelhos começaram as violações

Vietnam neste movimento — sim, podemos fazê-lo. Mas para além das razões de Hanói, da sua defesa ou dos seus interesses, o que os advogados do Homem Livre não podem ignorar é que foi assim que se pôs à vista uma sociedade animalizada e submetida à morte totalitária. Que com a derrota de Pol Pot se reabilitou o mais simples e elementar conceito do ser humano — nós todos, afinal.

Uma vez mais, a Muralha de Consciência

Há muito que conhecemos os efeitos da arma da desinformação e da psicotecnologia que a serve. Com ela os norteamericanos levantaram uma «muralha de consciência» em torno do sudeste asiático depois de o terem massacrado conscientemente à bomba e ao napalm. A campanha humanitária que se levantou a propósito das evasões dramáticas do **boat people** da Indochina foi um trunfo de duas faces jogado na altura oportuna: por um lado ia direito à sensibilidade dos povos, mobilizando-a em relação a um fenómeno de expressão humana pungente, por outro lado, aproveitando esse impulso natural, divulgava uma imagem humanista do Kampuchea de Pol Pot, vítima sem recursos dos ambiciosos de Hanói, e justificava a invasão do Vietnam pela China como uma «lição» necessária.

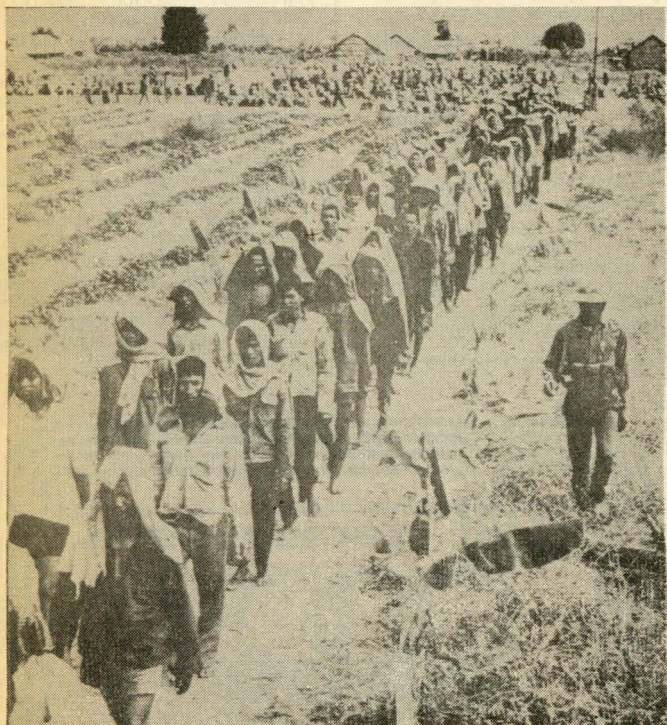
Bem ou mal, um equilíbrio provisório foi restabelecido entretanto naquela área e o Kampuchea, sem Pol Pot, lançou-se à reconstrução numa atmosfera difícil, suportada pelo Vietnam, face à China e às frentes subsidiárias da coligação sino-americana. A Tailândia, em primeiro lugar.

Quando deixei o Kampuchea pairava no ar uma inquietação que as respostas prudentes dos meios oficiais tornavam ainda mais tensa. Estávamos em escada para a guerra fria, o Irão, o golfo Pérsico, a invasão do Afeganistão e as urgências eleitorais de Carter desviavam o eixo dos conflitos para o hemisfério

José Cardoso Pires

«Triunfo», Madrid/«Diário de Lisboa»

Continua na pág. 17



Janeiro 1979, a derrocada dos kmêres vermelhos. (Arquivos Min. Informação do Kampuchea)

e o trabalho intelectual, entre os dirigentes e as massas» — palavras de Pol Pot. Sim, até aí tudo claro. Mas a cada instante surgia-me o inexplicável, a cada instante via-me diante de monstruosidades e de soluções deliberadamente irracionais, e sempre que pensava em tanta crueldade desnecessária e sem sentido toda a lógica política desaparecia e tudo entrava no gratuito e no delírio.

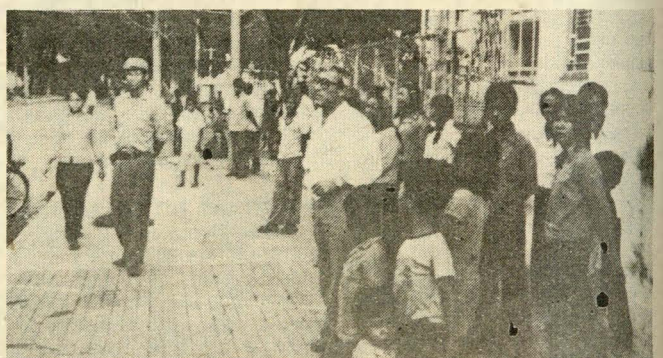
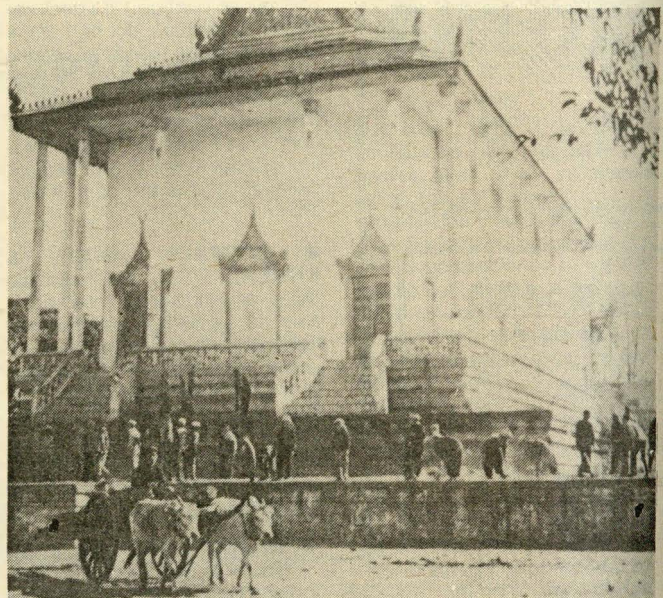
Recordo-me de uma tarde em que o casal Nhem me descreveu a chacina, em Chamcar Non, numa leprosanária. Também eles, no meio da sua evocação, sentiam necessidade de se interrogar sobre o que tinham visto dois anos antes e que agora lhes aparecia inexplicável no pormenor. Diziam: «Era assim, os Khraom (khmêres vermelhos) resolviam de qualquer maneira.» Ou então: «Tinham pressa. Matavam porque era mais simples.»

Essa era a interpretação comum, da gente simples. Mas mesmo ao nível oficial havia interrogações que permaneciam, e permanecem, sem resposta. Qual a razão que levou, por exemplo, a eliminar o interior de alguns edifícios, deixando-os nas paredes mestras mas conservando o muro onde se sus-

máveis, e só muito recentemente fora possível reabrir o primeiro curso universitário, a Faculdade de Farmácia de Phnom Penh. O Kampuchea é uma pátria sem livros e, pior ainda, sem professores nem meios materiais para recomeçar do zero o manual e a vida escolar.

O fanatismo anti-intelectual de Pol Pot parece ter sido uma das suas constantes mais arrogantes declaradas. Este iluminado do ódio à burguesia, eje próprio filho de burgueses da Administração, este estudante parisiense que se autopurificava nas chamas do sectarismo da Revolução Cultural, muito mais do que um discípulo de Marx lembrava um filho de Freud apostado na «morte do Pai». E como ele, os seus pares. Ieng Sary, Thiounn Prasith e Son Sen, os homens fortes do Angkar e da linha anti-intelectual, tinham formação universitária e o último, organizador da Gestapo Kmêre, estudara filosofia na Sorbonne.

«Actores, poetas e homens de letras todos devem ser expulsos das cidades», tinha ensinado Mao Zedong, e Pol Pot obedeceu ao conselho com a louca impiedade dos apóstolos em cruzada. Durante o seu reinado jamais governou em palácio e a sua



Cada guia do Kampuchea de hoje é uma testemunha do passado